

A lição de Kwaku Ananse: a perspectiva griot sobre ensinar filosofia

Renato Nogueira¹

Resumo

O objetivo do artigo é apresentar perspectiva griot a respeito do ensino de filosofia. A partir da história de Kwaku Ananse, vamos desenhar princípios griots que envolvem a xenofilia, o encontro com narrativas estrangeiras como condição necessária para ensinar e aprender filosofia.

Palavras-chave

Ananse; Griot; Ensino de Filosofia; Xenofilia.

Abstract

The aim of this paper is to present a griot perspective on the Philosophy Teaching. From the history of Kwaku Ananse, let's draw griot principles that involve xenophilia, the encounter with foreign narratives as a necessary condition for teaching and learning philosophy.

Key-words

Ananse; Griot; Philosophy's Teaching; Xenophilia.

¹ Renato Nogueira é doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, professor do Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, do Programa de Pós-Graduação em Filosofia e do Departamento de Educação e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-6609-9360>
E-mail: renatonogueira@ymail.com

Antes de iniciar é preciso registrar um ponto de partida. Na grande área de Humanidades e nas Ciências da Natureza o tema da essência humana foi alvo de muitas conjecturas. Aristóteles tornou célebre a tese acerca da natureza da espécie humana como racional.² Muitos séculos mais tarde, os estudos filosóficos e sócio-históricos trazem à luz o trabalho como característica ontológica do ser humano. Ou seja, o que diferenciaria a espécie humana dos outros bichos é a nossa capacidade de transformar a natureza, o trabalho.³ As reflexões baseadas nos estudos de Charles Darwin, tais como a psicologia evolucionista que definem seres humanos como animais que se adaptam ao meio em que vivem usando qualidades herdadas de um ambiente em que a caça e a colheita eram as formas de sobrevivência.⁴ Não vamos fazer uma revisão histórica dos estudos de ontologia humana. Nós vamos apostar numa perspectiva bastante tradicional na África do oeste que está ligada às histórias. Eis, nosso ponto de partida: narrar é a atividade radical do ser humano. O que constitui a humanidade, o que a inaugura, estrutura e a organiza no mundo são as narrativas. Por narrar entendemos usar palavras, símbolos, sinais, coisas em geral para expressar ideias, sentimentos e desejos sobre a vida e o mundo. Esse encaminhamento está nas escolas de filosofia da África ocidental: narração de vida, contar histórias.⁵ Daí, o que o ser humano tem de “especial” é, tão somente a capacidade, o gosto e o empenho para contar histórias sustentamos que o ser humano se define por essa arte e todo o resto: linguagem, trabalho, razão, consciência da morte, entre outros elementos, dispõem-se durante e através da narrativa – leia-se contar uma história por algum meio.

No romance premiado *Biografia do Língua*, o músico e autor cabo-verdiano Mario Lucio Sousa narra o último desejo de um prisioneiro, contar uma história. Sousa foi o primeiro não-português a receber o Prêmio Literário Mario Torga. A aventura de Língua,

²Aristóteles. *Metafísica*. Edição de Giovanni Reale. Tradução de Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

³Karl Marx. *Manuscritos econômico-filosóficos*. Tradução Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2009.

⁴Robert Wright. *O animal moral. Por que somos como somos: a nova ciência da psicologia evolucionista*. Tradução Lia Wyler. Rio de Janeiro: Elsevier, 1996.

⁵Amadou Hampaté Bâ. “A Tradição Viva”. In: KI-ZERBO, J. (Org.). *História Geral da África I: metodologia e pré-história da África*. 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010; HALE, Thomas A. *Griots and Griotes: Masters of words and music*. Bloomington: Indiana University Press, 2007.

o protagonista da obra, é um mergulho filosófico muito próximo do percurso feito em *Mil e uma noites*. Na jornada do escravizado Língua aprendemos que a “história é uma espécie de ancestral matéria fundadora desse lugar. A arte de ouvir é a nossa identidade primária. O outro é a nossa costela adamantina”.⁶ Tanto Língua quanto Sherazade, protagonista das *Mil e uma noites*, estão diante de condenações das quais escapam porque contam mil e uma histórias. Deste modo, contar uma história é a maneira de fazer com que a vida adote algum sentido. Uma história é uma fricção no mundo, uma relação de contato que estabelecemos conosco e com os outros. Por essa razão, o que aqui chamamos de narrativa, arte de contar histórias, o nosso axioma filosófico: a narração da vida é a característica primeira de constituição da humanidade. O ser humano surgiu quando contou a primeira história, antes não éramos humanos.

O pensador senegalês Cheik Anta Diop situa bem as diferenças entre os berços civilizatórios africano e europeu. A xenofilia radicalizada no trajeto filosófico é uma componente estruturante do mundo africano. Dentre as características do berço civilizatório africano (berço meridional) estão: matrifocalidade e xenofilia.⁷ O que difere do berço setentrional, no qual o poder político é predominantemente masculino. De acordo com Diop, na África a matrifocalidade era um padrão comum, viabilizando um equilíbrio da gestão do poder social entre homens e mulheres, à medida que o poder não era exclusivamente um registro masculino. “Nas sociedades meridionais tudo aquilo que concerne à mãe é sagrado; a sua autoridade é, por assim dizer, ilimitada. Esta pode escolher uma cônjuge para seu filho sem consultar antecipadamente o interessado”.⁸ Em paralelo, a xenofilia (nosso alvo de análise) é desenvolvida tanto por Diop como por Bâ. Diop faz uma conjectura a respeito da unidade cultural do continente – assunto que aqui não será alvo de escrutínio. Bâ, tal como e outras pensadoras e pensadores da África ocidental destacam a xenofilia como uma característica peculiar de algumas atividades. Toda família de artesãs e artesãos precisa ser xenófila, isto é, estar receptiva para o que vem de fora, para conhecer além de suas fronteiras. Na África do oeste⁹, existem cinco

⁶ Mario Lucio Sousa. *A biografia do Língua*. Coimbra: D. Quixote, 2014, p. 89.

⁷ Cheikh Anta Diop. *A unidade cultural da África negra*. Tradução: Silvia Cunha Neto. Luanda: Edições Mulembra, 2014, p. 20.

⁸ *Ibid.*, p. 35.

⁹ Amadou Hampaté Bâ. “A Tradição Viva”. In: J. Ki-Zerbo (Org.). *História Geral da África I: metodologia e pré-história da África*. 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010; Isaac Bernat. *Encontros com o Griot Sotigui Kouyaté*. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.

classes que trabalham com o que podemos definir como artesanato. Essas cinco categorias de pessoas são chamadas de *namakala* na língua maninca; em bambara de *nyamakala*. Essa classe de artesãs e artesões existe em todo contexto da África do Oeste. As classes de artesãs e artesãos são: 1ª) Famílias que trabalham com/o ferro; 2ª) Famílias que trabalham com/o tecido; 3ª) Famílias que trabalham com/a madeira; 4ª) Famílias que trabalham com/o couro; 5ª) Famílias que trabalham com/a palavra. Neste último caso, encontram-se as pessoas que vivem sob o regime griot – território da atividade filosófica. Em outras palavras, a condição griot reúne uma série de atividades e funções, dentre elas: a filosofia.

No contexto griot, a filosofia não deixa de ser uma narrativa. Todas as histórias contadas por quem faz filosofia repetem a experiência da primeira filósofa, Kwaku Ananse. Assunto que voltaremos adiante, depois de uma breve descrição e análises do fenômeno da condição griot. A partir de uma interpretação afroperspectivista das considerações de Sotigui Kouyaté¹⁰, Toumani Kouyaté¹¹ e Thomas Hale¹², os Kouyaté afirmam que o termo “griot” é a soma de djelis e guerouas. Toumani Kouyaté descreve que djelis são originalmente pessoas das famílias que trabalhavam junto com reis e nobres tais como os djelis dos reis Salomão e de Soundiata Keita¹³. Djelis tinham funções de aconselhamento real, diplomacia, ensino, artes em geral e trabalhavam com integrantes das famílias guerouas, estas realizavam funções parecidas para o restante da população. Para Toumani Kouyaté, os primeiros europeus em contato com o mundo da África ocidental não sabiam diferenciar djelis e guerouas. Toumani Kouyaté, assim como o seu pai Sotigui Kouyaté¹⁴, afirma que a expressão “griot” surgiu para designar um gueroua e foi dita pelo missionário francês Alexis de Saint-Lô que viveu nas regiões do atual Senegal e da Guiné de 1633 a 1639. Conforme Toumani Kouyaté¹⁵, Saint-Lô aproximou a atividade gueroua da função do “criado” e daí, registrou a palavra “griot” por não saber escrever “gueroua”. Então, pela primeira vez em 1637 no texto *Relation du Voyage du Cap-*

¹⁰ Sotigui Kouyaté. *Entrevista concedida ao Encontro de Palhaços Anjos do Picadeiro 5*. Rio de Janeiro: 2006.

¹¹ Toumani Kouyaté. *Djéliya - a arte prática da transmissão na tradição oral mandingue*. Paço Do Baobá, 2013, 19 e 20 de outubro 2013.

¹² Thomas A. Hale. *Griots and Griotes: Masters of words and music*. Bloomington: Indiana University Press, 2007

¹³ Alexandre Handfest (Direção). *Sotigui Kouyaté: um Griot no Brasil* (Brasil, 2014, 57 Minutos).

¹⁴ Sotigui Kouyaté. 2006, *op. cit.*

¹⁵ Programa *Arte do Artista* “Homenagem ao griot Sotigui Kouyaté” – entrevista com Toumani Kouyaté, 06 de Maio de 2016.

Verd, apareceu a palavra “griot”. Thomas Hale parte do registro feito por Saint-Lô; mas, ressalta a existência da palavra “guiriot” antes de griot. Daí, as hipóteses se multiplicam: “guiriot muda para griot, mas talvez isso seja o resultado de um erro tipográfico gerado quando o manuscrito foi editado e publicado em 1913”¹⁶. Uma versão é de que a palavra “guineo” vem de uma língua falada no Reino de Gana como Edo ou Uagadu. O uso era amplo e “é bem possível que, com a mudança de [n] para [r] guineo, tenha sido a origem do que mais tarde se tornou no guiriote espanhol e no guiriot francês”, ou ainda, a “raiz berbere para *guineo* (*agenaou*, perto de *iggio* e *iggim*) apóia a hipótese de que o griot é de origem africana, não europeia”¹⁷. As considerações de Sotigui Kouyaté¹⁸ apontam para possibilidade é de que *djelis* e *guerouas* foram reunidos pela expressão *griot*. Vale dizer que apesar do termo *guiriot* ser originalmente neutro como *guineo*, encontramos *griot* e *griotte*, sendo esta do gênero feminino. É importante ressaltar que mesmo sem um consenso em torno da origem exata da palavra, não restam dúvidas a respeito de que no contexto *griot* estão atividades filosóficas.

Nós vamos usar griot para designar um conjunto de atividades da África do oeste realizada entre povos como: Bambara, Soninqué, Mandinga, Dogon, Dagara, Fula, Senufo, Peul, dentre outros. Os quais estão situados nos seguintes países: Mauritânia, Mali, Níger, Senegal, Gâmbia, Guiné-Bissau, Guiné, Serra Leoa, Libéria, Burkina Fasso, Costa do Marfim, Gana, Togo, Benin, Nigéria, São Tomé e Príncipe.

Hampaté Bâ, filósofo fula, de nascido no Mali, fala da arte de narrar, contar história e da tradição oral como atividade filosófica, “ao mesmo tempo religião, conhecimento, ciência natural, iniciação à arte, história, divertimento e recreação”¹⁹. Na língua bambara, a palavra “diele” é o termo que remete à atividade de griot e quer dizer literalmente “sangue”. O sentido da palavra diz respeito à comparação entre o sangue e as palavras. No contexto da África ocidental, no idioma fulfude, o uso das palavras, a “fala” (*baala*) deriva da raiz verbal *bal*, cuja ideia é ‘dar força’ e, por extensão, ‘materializar’²⁰. As palavras em movimento, a ação de contar histórias: promover uma narrativa é o que dá sentido às coisas. A aproximação do termo “sangue” do conceito de

¹⁶ Thomas A. Hale, 2007, *op. cit.* p. 256.

¹⁷ *Ibidem*.

¹⁸ Sotigui Kouyaté, 2006, *op. cit.*

¹⁹ Amadou Hampaté Bâ, 2010, *op. cit.*, p. 169.

²⁰ *Ibid.*, p. 172.

narrativa – palavras em jornada – se dá porque um corpo humano só se mantém vivo enquanto o sangue corre. Uma sociedade só se mantém porque as histórias circulam por ela. Um mundo sem narrativa deixa de existir. Nosso ponto de partida é simples, a vida é um fenômeno narrativo. O que define os seres humanos não é a razão, tampouco o trabalho; mas, a nossa capacidade de contar histórias. Na África do oeste existe uma longa tradição de maneiras de narrar. Estudos contemporâneos sobre as atividades de griots e griottes estabelecem 10 maneiras básicas de manusear as palavras. Uma delas se chama filosofia. A sistematização feita por Thomas Hale apresenta 10 atividades de griots e griottes²¹:

1. Filosofia
2. História/Genealogia
3. Contação de histórias
4. Psicologia/Medicina
5. Fala pública/Palestra
6. Diplomacia/Mediação de conflitos
7. Intérprete de língua estrangeira
8. Música/Composição/Canto
9. Ensino
10. Notícias/Reportagem

Adwoa Badoe e Baba Wagué Diakité fizeram um belo trabalho com 10 contos, a narrativa instigante da autora Badoe casa com as belas ilustrações de Diakité, reunindo as seguintes histórias²²: 1) “Ananse vira dono das histórias”; 2) “Ananse, o convidado sem memória”; 3) “Confidências de esteira”; 4) “Por que o focinho do porco é curto”; 5) “Por que Ananse vive no teto”; 6) “Ananse e o pote dos banquetes”; 7) “Ananse, o juiz imparcial”; 8) “Ananse e o pote da sabedoria”; 9) “Ananse e o casaco musical”; 10) “Ananse e os pássaros”. A oitava história do livro retrata a primeira atividade descrita por Hale. Em “Ananse e o pote da sabedoria” a atividade filosófica fica bem caracterizada. Vamos à história.

Era uma vez uma aranha chamada Ananse. Ela era astuta e tinha orgulho em ter conhecimento sobre as coisas, considerava-se sábia. E adorava ouvir elogios sobre sua

²¹ Thomas A. Hale, 2007, *op. cit.*, p. 7.

²² Vale dizer que aqui a ordem de atividades não está articulada à ordem das histórias.

sabedoria. Certa vez, Nyame, Deus todo poderoso chamou Ananse para subir até o céu para uma conversa. A aranha subiu calmamente o firmamento e lá chegando perguntava e, ao mesmo tempo, respondia:

- quem é o animal mais sábio do mundo? Sou eu!

Deus estava intrigado com a arrogância de Ananse e lançou um desafio: recolher toda a sabedoria do mundo. Então, seria o ser mais sábio de todos os tempos. Ananse andou por todo mundo e recolheu toda sabedoria num enorme pote. Naquele tempo, a sabedoria estava em quatro cantos do mundo. Ela foi até cada um deles no sul, no norte, no leste e no oeste. De volta ao ponto de partida, ela tinha em mãos o pote mais precioso da sua vida. Ela tinha reunido toda a sabedoria do mundo. No caminho para levar o pote para o céu e ser conclamada por Deus, Ananse tinha firme em sua mente que o feito era dela somente. Ela não dividiria aquela glória com ninguém. Afinal, seria o título de criatura mais sábia do mundo. O orgulho que sentia só em imaginar ser consagrada como a mais sábia do mundo a deixava eufórica e radiante. Antes de começar o percurso para subir até o céu, muita gente se ofereceu para ajudar Ananse. A aranha disse para todos os animais que a tarefa era secreta e exigia astúcia e inteligência especiais; recusando apoio ela seguiu. Ananse usando sua esperteza amarrou o pote nas costas e foi subindo pela maior árvore do mundo, chamada de Tempo. Ela seguiu passo por passo com muito cuidado, ao chegar bem próxima do céu, Ananse abriu um largo sorriso e ergueu os braços em comemoração, a alegria durou pouco. Ela subia pela árvore, mas a movimentação dos oito braços desatou o amarrado que prendia o pote nas suas costas, ele tombou e se espatifou. Ananse caiu em seguida. Ela chorou e percebeu que se quisesse recolher toda sabedoria do mundo, dali em diante nem uma vida inteira daria conta. Ananse caiu em prantos só de imaginar. Nyame, Deus todo poderoso, soprou em seu ouvido: dei-lhe oito braços, se fosse sábia não teria acenado ou comemorado com todos.

O que esta história nos diz sobre a atividade filosófica? A conquista da sabedoria plena não foi viável para o ser mais perspicaz do mundo. A aranha Ananse se aproxima da sabedoria plena de todo o mundo; mas, é incapaz de possuí-la completamente. Essa narrativa está a nos dizer que o fazer filosófico é um exercício de busca por toda sabedoria do mundo; o que não se conclui porque escapa por conta do orgulho que vem junto da impressão de que toda a sabedoria foi conquistada. O que caracteriza Ananse como filósofa é o seu esforço por buscar, mesmo que não consiga possuir todo o saber. Qual

é a lição de Kwaku Ananse? A filosofia é um esforço que sempre deixa escapar a sabedoria, tê-la toda reunida de uma só vez num só lugar é impossível. A sabedoria do mundo não se permite aprisionar nesse pote. A pretensão de Ananse não se conclui. A filosofia é uma das atividades do repertório griot, sua especificidade é a compreensão de que não podemos saber tudo. Filosofia é o reconhecimento de que não podemos saber tudo Mas, não se trata de ter todo saber do mundo e sim de percorrer o caminho na sua busca. Ananse se torna caminhante. Kwaku Ananse é a primeira filósofa, uma aranha que inspira todas pessoas que fazem filosofia a repetir uma experiência inescapável, reconhecer que não podem deter toda sabedoria do mundo; mas, não podem deixar de buscá-la.

A xenofilia e os três órgãos

Em linhas gerais, estamos de acordo com a existência de três hipóteses para o surgimento da filosofia. Um assunto que não desenvolveremos longamente aqui. Nós podemos falar em: 1ª) Pluriversalidade da filosofia; 2ª) Nascimento africano da filosofia; 3ª) Nascimento ocidental da filosofia. Aqui não vamos nos concentrar no debate que classifica esta última hipótese como uma injustiça cognitiva em que os aspectos aparentemente estritamente filosóficos constituem mais fortemente uma justificativa política para o racismo epistêmico²³. Mas, vale destacar que a hipótese de que os primeiros textos de filosofia são africanos vem junto com uma atmosfera que situa o fazer filosófico como um exercício intelectual que emerge em contextos xenófilos.

É importante registrar que no contexto da África do oeste antiga, a oposição entre filosofia e mito não estava em curso. Na história da filosofia ocidental um dos poucos consensos parece girar em torno de uma tensão. A filosofia teria nascido se opondo à violência do pensamento mítico-religioso. A narrativa mais corrente dos manuais de filosofia diz quase sempre, a filosofia surge separando-se do mito. Por outro lado, alguns historiadores da filosofia mesmo na Europa corroboram a hipótese africana. Robert Bernasconi diz com veemência que a filosofia tornou-se laica apenas na modernidade, o historiador da filosofia afirma que o problema passa por alguns pontos: 1) Opinião

²³ Renato Nogueira. *O ensino de filosofia e a Lei 10.639*. Rio de Janeiro: Pallas/ Biblioteca Nacional, 2014.

exacerbada em favor dos gregos na composição das bases da cultura ocidental. 2) A transformação da produção filosófica não-europeia em pensamento exclusivamente religioso. 3) A ideia de um cânone europeu/ocidental de Filosofia que deve silenciar os outros²⁴.

No contexto das escolas filosóficas do oeste, uma das características próprias da arte de filosofar está na xenofilia. O gosto pela visita em seus dois aspectos, tanto visitar como receber visitas. Para Toumani Kouyaté, uma atitude comum entre griots e griottes é a boa recepção das pessoas estrangeiras, porque com elas se aprendem horizontes novos, visões de mundo e a disponibilidade para aprender com os percursos novos. Para Cheikh Anta Diop, podemos falar em aspectos comuns dentro as culturas africanas, assim como existem elementos semelhantes e também estruturantes nos mundos: europeu e asiático. Diop reconhece as diferenças; mas, por razões multifatoriais existem pontos em comum que não podem ser desconsiderados. No caso do berço meridional que caracteriza especificamente o continente africano existe: “família matriarcal, a criação do estado territorial, (...), a emancipação da mulher na vida doméstica, a xenofilia, o cosmopolitismo”²⁵. A filosofia da história de Diop analisa por meio de metodologias diversas o que ele denomina de berços civilizatórios. Diop analisa dois berços básicos e publica estudos acerca da Etiópia, Egito e Líbia – berço meridional. Por outro lado, apresenta análises sobre Creta, Grécia e Roma, dentre outras regiões próximas, para caracterizar o berço nórdico²⁶. Um dos pontos centrais destacados na caracterização do berço meridional é a xenofilia, o seu lado, cosmopolitismo e a família matrifocal.

Além do contexto mais geral, proclamado por Diop, aqui vamos nos ater aos aspectos da xenofilia e do cosmopolitismo como práticas exigidas para griots e griottes e, especialmente, para as pessoas que se dedicam à atividade filosófica. A partir dos estudos diopianos²⁷, a xenofilia equivale a um conjunto de práticas: hospitalidade, gosto pela interlocução com o estrangeiro, desejo de conhecer costumes estrangeiros (línguas,

²⁴ Robert Bernasconi. “Etnicidade, cultura e filosofia”. In: Nicholas Bunnin e E. P. Tsui-James (org.) *Compendio de Filosofia*. Trad. Luiz Paulo Rouanet. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007. p.611-625.

²⁵ Cheikh Anta Diop. *A unidade cultural da África negra*. Tradução: Silvia Cunha Neto. Luanda: Edições Mulembra, 2014, p. 177.

²⁶ *Ibidem*.

²⁷ *Ibidem*.

tecnologias, etc.). Aqui o cosmopolitismo indica um entendimento da humanidade em escala planetária. O ator brasileiro Isaac Bernat conviveu por uma década com o griot/ator Sotigui Kouyaté e afirma o caráter sagrado de todas as pessoas estrangeiras. O griot/ator Toumani Kouyaté ressalta o cosmopolitismo como uma postura necessária, ainda que não seja suficiente para garantir a condição griot. O cosmopolitismo é uma narrativa política que enfatiza que não podemos ignorar que as fronteiras são sempre borradas e abertas para ultrapassagens e se constituem mais como territórios para pontes do que para muralhas. Essas fronteiras são mantidas com dispêndio de muita força e suas dissoluções podem favorecer troca de conhecimentos e ampliação de repertórios para problemas humanos comuns em todas as regiões. É engano interpretar a xenofilia e o cosmopolitismo como “dispositivos românticos” que salvariam a humanidade. Cheikh Anta Diop reconhece o conflito como inerente às relações humanas, a xenofilia e o cosmopolitismo podem ser interpelados como narrativas para manutenção do equilíbrio. Uma guerra de todos contra todos destruiria o mundo. Os olhos, os ouvidos, o paladar, o olfato e o tato de uma *griotte* e de um *griot* precisam estar abertos para o que vem de fora. O que é importante para a jornada *griot*? Bâ ressalta a necessidade de viajar para garantir uma vida filosófica. A jornada *griot* é um percurso de aprendizagem contínua, viajar é a maneira de estudar a realidade. Por isso, a xenofilia é muito importante. Em algumas versões da história de Ananse com o pote da sabedoria, ela encontra vários seres nos quatro cantos do mundo. O “*griot* é aquele que busca no estrangeiro saber aquilo que desconhece para então estabelecer um contato onde possa haver efetivamente uma troca”²⁸.

A xenofilia e o cosmopolitismo são comportamentos filosóficos. No exercício da filosofia não podemos dispensar esses modos de se relacionar com o mundo. A filosofia, aqui entendida como uma narrativa, precisa colocar em destaque o sentimento de que as fronteiras precisam ser rasuradas e de que a escuta das narrativas estrangeiras é um fator de enriquecimento da sua visão de mundo. O nutriente fundamental está justamente em perspectivas de mundos diferentes, conhecer narrativas estrangeiras e reafirmar que para um “*griot* não existe uma única possibilidade de se encontrar uma verdade, uma

²⁸ Isaac Bernat, 2013, *op. cit.*, p. 77.

estética”²⁹. Os caminhos são diversos e muitos desses podem ser cuidadosamente explorados, ainda que nem todos levem para algum conhecimento.

De volta ao enunciado, a filosofia é uma narrativa. Se, filosofar não passa do ato comum de contar uma história. O que ela tem de singular que a diferencia de outras formas de narrar? Pois bem, um argumento relevante está nas considerações filosóficas de Hampaté Bâ, o filósofo malinense afirma o seguinte: “Quando *Maa Ngala* fala, pode-se ver, ouvir, cheirar e saborear a sua fala”³⁰. Bâ está a nos dizer que *Maa Ngala*, potência constitutiva de toda realidade (verbo/palavra), como um tipo de fala primeira, narrativa original constitutiva da humanidade, um tipo de condição ontológica da existência do ser humano. Pois bem, dizer que *Maa Ngala* é nome do verbo divino, ou ainda, que a causa de tudo está na ideia de no princípio foi o verbo é o mesmo que dizer: tudo começa quando contamos uma história. Sem uma trama, ou, um roteiro encenado por palavras nada existe.

A partir da ideia de que a jornada das palavras é o que existe de mais essencial no humano, consideramos importante registrar que a maneira de ler as narrativas é por meio de visões, audições, tatos, sabores e odores de mundo. A pensadora nigeriana Oyeronke Oyewumi contribui com esse debate, postulando que as narrativas acadêmicas, teorias, têm sido mais frequentemente identificadas com visões de mundo.

O termo “visão de mundo” que se usa no ocidente para sintetizar a lógica cultural de uma sociedade, expressa adequadamente a prerrogativa ocidental da dimensão visual. Mas, teríamos um resultado eurocêntrico se utilizássemos essa expressão para nos referirmos a culturas que provavelmente dão prioridade para outros sentidos. A qualificação ‘sentido de mundo’ é uma alternativa de maior abertura para descobrir a concepção do mundo de diferentes grupos culturais.³¹

A filosofia é uma forma de narrar que se ocupa de perfazer o seu caminho sem certeza de que poderá chegar a algum termo. A filosofia radicaliza as recomendações de que é preciso reconhecer no estrangeiro a ampliação dos modos de entrevistar o mundo. Se narrar pressupõe uma entrevista da vida e do mundo, a filosofia só pode fazer

²⁹ *Ibidem*.

³⁰ Amadou Hampaté Bâ, 2010, *op. cit.*, p.214

³¹ Oyèronké Oyewumí. *La Invención de las Mujeres. Una perspectiva africana sobre los discursos occidentales del género*. Colombia. Editorial en la frontera, 2017, p. 39

colocando em contato todos os sentidos e pareando suas diversas modalidades. Adiante vamos destacar a xenofilia como a possibilidade de enriquecer os sentidos, fazendo do escutar, do ver, do cheirar, do tocar e do saborear mais potentes. Tal como podemos conjecturar partindo das formulações de Oyewumi³², a narração da vida pode vir por meio de um sentido separadamente ou de dois ou mais articulados. Bâ expõe que a “fala”, isto é, a narrativa pode ser por meio de escuta de: cosmoaudição; cosmovisão, cosmopaladar, cosmo-olfato, cosmo-odor. O ato de contar uma história é a maneira fundamental de nos relacionarmos com o mundo. O que se dá por meio de um sentido preferencialmente ou da associação de dois ou mais. Os descritores de cada sentido de mundo são diversos e variados. Por exemplo, cosmopaladar inclui os marcadores gustativos da língua como órgão-ferramenta: o doce, o amargo, o ácido, o salgado e o umami (associação de sabores). Em todos os casos, a xenofilia é a possibilidade de ampliação da visão, da audição, do olfato, do paladar e do odor. A ausência de um repertório variado de cosmosentidos dificulta a consciência de que a sabedoria está partida em muitos pedaços pelo mundo. De volta a Kwaku Ananse. Na história da aranha foi preciso andar pelos quatro cantos do mundo e depois ver que tudo que estava reunido num só pote espalhou-se indefinidamente. Ananse percorreu vários lugares do mundo e reuniu toda sabedoria; mas, não foi possível guardá-la. Não existe um só lugar em que o saber do mundo fique reunido. Por isso, existe a necessidade de um tipo de xenofilia filosófica.

O que é a xenofilia filosófica? O pensador senegalês Cheik Anta Diop situou a xenofilia como uma das características mais presentes nos sistemas culturais africanos. A xenofilia estabelece uma relação propriamente crítica com a narrativa, ao invés de ensejar as disputas de narrativas; ela as multiplica. A afirmação que a xenofilia como um “comportamento-padrão” nas escolas de filosofia da África do oeste é o primeiro passo para compreensão de que o caráter da “xenofilia filosófica” está num interesse hospitaleiro de conhecer o mundo sob, sobre, com e através de outros sentidos. Daí, o exercício da filosofia é menos uma disputa pela verdade do que uma sobreposição crítica. A xenofilia filosófica é o reconhecimento que a sabedoria está realmente em várias partes do mundo. Trata-se mais de assumir o dissenso como inerente ao pensamento do que

³² *Ibidem.*

uma busca obsessiva pelo consenso. O espírito xenófilo filosófico permite a diversificação de jornadas de palavras, os argumentos não precisam mais ser repetidos. O sangue que circula oxigena regiões que não imaginávamos e traz nutrientes novos para um corpo cansado, fatigado e que já estava farto de alimentar-se das mesmas coisas. A xenofilia é uma maneira de se relacionar com o mundo que permite abraçar o que vem de fora sem receio de que o aumento de repertório cale a voz nativa. Uma voz é sempre múltipla.

De modo panorâmico, um dos maiores desafios contemporâneos parece estar em assumirmos a divergência, o dissenso e, em certa medida, a xenofilia como potências que podem acrescentar. Não é raro que a divergência seja tratada com graus variados de deboches. Os debates públicos parecem ser cada vez mais discursos feitos para plateias convertidas. A escuta tem sido um exercício difícil. Diante desses desafios, como podemos posicionar o ensino de filosofia? Não seria o caso de fazermos uma experimentação xenófila?

Em *Tradição viva*, Hampaté Bâ fala dos três órgãos e da postura de quem pesquisa. Nós consideramos que, no caso de quem faz filosofia, esses órgãos e a maneira de se posicionar diante do mundo precisam ser radicalizadas.

(...) o pesquisador deverá se armar de muita paciência, lembrando que deve ter o ‘coração de uma pomba’ para nunca se zangar nem se inflamar, mesmo se lhe disserem coisas desagradáveis. Se alguém se recusa a responder a sua pergunta, inútil insistir; vale mais instalar-se em outro ramo. Uma disputa aqui terá repercussões em outra parte, enquanto uma saída discreta fará com que seja lembrado e, muitas vezes, chamado de volta. ‘A pele de um crocodilo’, para conseguir se deitar em qualquer lugar, sobre qualquer coisa, sem fazer cerimônias. Por último ‘o estômago de uma avestruz’, para conseguir comer de tudo sem adoecer ou enjoar-se’.³³

Os três órgãos do filosofar são: o coração da pomba; a pele do crocodilo e o estômago da avestruz. Os quais precisam estar acompanhados da postura de “renunciar ao hábito de julgar tudo segundo critérios pessoais. Para descobrir um novo mundo, é preciso saber esquecer seu próprio mundo”³⁴. Pois bem, o que chamamos de xenofilia

³³ Amadou Hampaté Bâ, 2010, *op. cit.*

³⁴ *Ibidem.*

filosófica é a atitude de não carregar consigo o seu próprio mundo como se fosse um obstáculo, impedindo a habitação de outros. Com a ressalva que habitar outros mundos só tem valor filosófico se for com um coração que não se inflama; mas, como uma pomba bombeia o sangue necessário para o corpo, sem modicidade e sem exagero. A pele do crocodilo quer dizer que a tenacidade torna a pessoa capaz de continuar uma caminhada mesma diante de farpas ferozes. O estômago de avestruz é a capacidade de alimentar-se de cardápios variados que não existem no seu mundo. O objetivo não é deixar de habitar o seu mundo; mas, conectá-los com intuito de ampliar as suas formas de habitação. Uma filósofa é uma pessoa que nunca se mantém num único mundo.

Ensino de filosofia e Cultura Afro-Brasileira e Africana

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB, Art. 26-A) pode subsidiar várias iniciativas dentro das instituições de ensino quando aponta que: “nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Outro elemento muito importante é a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que, formalmente, tem o papel de cumprir o Plano Nacional de Educação (PNE), uma das metas mais relevantes para sistematizar o currículo em âmbito nacional. Vale a pena apreciar mais detidamente a LDB, um documento chave para a regulamentação da educação brasileira. Trata-se da lei orgânica que define a organização do nosso sistema educacional. Foi a partir de 2003 que esta norma começou a atender algumas demandas históricas do Movimento Negro, entre elas: uma educação que conte a História do Brasil sob a perspectiva de protagonismo negro. Em 9 de janeiro de 2003 foi promulgada a Lei 10.639/03 alterando o artigo 26 da LDB e, no ano seguinte, as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais, Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Em 2006 foram instituídas Orientações para Educação das Relações Étnico-Raciais. Dois anos depois, um dispositivo complementar foi responsável pela regulamentação da alteração iniciada em 2003, o Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais, Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2008). Neste mesmo ano, foi lavrada a Lei 11.645/08 que incluiu a obrigatoriedade de conhecimentos de História e Culturas dos Povos Indígenas. A

articulação das Diretrizes, Orientações e do Plano Nacional de Implementação visa confirmar, organizar e regular a obrigatoriedade de conhecimentos de História e Culturas Afro-Brasileira, Africana e dos Povos Indígenas em todos os níveis (educação básica, formada pela educação infantil, ensino fundamental, ensino médio e educação superior) e modalidades (educação de jovens e adultos, educação profissional e educação especial) de ensino. Esse desafio está colocado para todas as instituições de ensino, públicas (criadas ou incorporadas, mantidas e administradas pelo poder público) e privadas (particulares, comunitárias, confessionais e filantrópicas)”.³⁵

Tal como no trecho acima e num trabalho mais sistematizado e específico retratado na obra *Ensino de Filosofia e a Lei 10.639* publicada em 2014, encontramos condicionantes legais para que o ensino de filosofia trabalhe com conteúdos de História e Cultura Africana, Afro-Brasileira e dos Povos Indígenas. Um modo de enfrentar esse desafio é justamente a incorporação de metodologias griots que aparecem na lição de Kwaku Ananse. Ananse tem coração de pomba, pele de crocodilo e estômago de avestruz mesmo sendo uma aranha. Dentro de uma concepção da condição griot da África do oeste, o ensino de filosofia, leia-se em afroperspectiva, precisa convidar estudantes a cultivarem os três órgãos-chave do filosofar. Em outros termos, diante do desafio de que o ensino de filosofia contemple cultura africana, podemos trazer uma afroperspectiva que enfatize a condição griot. Em termos afroperspectivistas, a condição griot – caracterizada como um conjunto de atividades de artesanato da palavra, do agir e do pensar, dentre as quais está a filosofia – pode fornecer princípios para o ensino de filosofia. Estes princípios já foram anteriormente descritos pelo filósofo Hampaté Bâ, possuir coração da pomba, pele de crocodilo e estômago de avestruz.

O coração da pomba é uma expressão conceitual que remete a uma tradição da África antiga, alguns registros são de 2 mil anos antes da Era Comum ³⁶ onde encontramos a escola de filosofia do Egito antigo.

O termo ‘coração’ tem duas palavras em egípcio antigo, Haty [coração em seu aspecto físico] e Ib [coração no aspecto espiritual]. Este último aparece na descrição mítico-religiosa que descreve a situação dos

³⁵ Renato Noguera. *Racismo: uma questão de todos nós*. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2018.

³⁶ Renato Noguera, 2015, *op.cit.* p. 117.

humanos após a morte. A narrativa diz que depois de morrer, o coração [Ib] é posto na balança de Maat (deusa da verdade, harmonia e equilíbrio) que coloca a pena de íbis para mensurar se o coração é mais leve para abrir passagem para uma vida justa e feliz. O veredicto de Osíris, deus responsável pelo julgamento dos que deixam o corpo mortal.³⁷

O coração é a sede do pensamento e das emoções. Pensar, tanto quanto sentir, é uma atividade cardíaca. Uma pomba pensa e sente suavemente, fazendo do pensar uma forma de sentir; do sentir um modo de pensar. Não existe oposição entre uma coisa e outra. Ora, não estamos a dizer que não existam tensões. Porém, a postura filosófica precisa partir da compreensão que tensionar as disposições de um espírito (pensamento e sentimentos) não quer dizer uma oposição simétrica às forças “contrárias” que tencione uma disposição em detrimento das outras. Ou seja, a tensão é inerente à existência do coração; mas, não devemos concluir que uma disposição dos pensamentos ou dos sentimentos deva sobrepor-se a todas as outras. O coração da pomba quer dizer: equilíbrio, harmonia. Para filosofar o coração deve estar em harmonia, o que não significa ausência de tensões. Mas, assumir as tensões de um modo que os pensamentos e os sentimentos convivam de modo equilibrado.

Na tradição mítico-filosófica egípcia, o crocodilo era uma divindade importante, Sobek, associada muitas vezes com Rá, Deus-Sol. Uma divindade de nome Sobek-Rá é a associação entre o crocodilo e o sol. Em termos afroperspectivistas, a pele é um órgão solar. O que isso significa? A pele irradia e toca todas as coisas por “irradiação”; ela é o modo de interação com a realidade. O sol está presente mesmo estando distante. Ou seja, os seus raios estão sempre além dele. A pele é o que toca o mundo e como disse poeticamente o pensador francês Paul Valéry: “o que há de mais profundo no humano é a pele”³⁸. Daí, vale dizer que a pele é o órgão paradoxal, ao mesmo tempo profundo, mas, sem dúvida a superfície que abraça o mundo. Esse órgão superficial e profundo deve ser, recomenda Hampaté Bâ, de crocodilo para ensinar e aprender a filosofar. Porque o crocodilo tem pele áspera, o que é importante porque indica tanto capacidade de se relacionar sem melindres, tanto quanto a fricção entre as coisas de dentro e o que vem

³⁷ *Ibid*, p.121-122.

³⁸ Paul Valéry. “L'idée fixe”. In: *Oeuvres complètes*. Tome II. Paris: La Pléiade, 1960, p. 215, tradução do autor.

de fora. A aspereza é uma textura que informa que o contato com o mundo é intenso, mãos calejadas significam que uma pessoa trabalha. A pele áspera do crocodilo quer dizer que o contato existe e nunca se recusa um encontro. A postura filosófica é bem simples: manter contato com o mundo, estar disponível para observar e analisar as coisas, uma pele lisa é ausência de fricção. O que está em jogo aqui é a fricção contínua e quase ininterrupta entre um agente com outros. A pele de crocodilo está a nos dizer que fazer filosofia é não se esquivar dos territórios, dos fenômenos, dos acontecimentos, isto é, fazer a jornada sabendo encontrar as ocorrências do caminho.

No Egito antigo, o Íbis – ave que faz parte da grande família da avestruz – tinha sua pena como símbolo da Deusa Maat – regente da harmonia, ordem e verdade, casada com Toth – Deus do Conhecimento. Uma pena de Íbis simbolizava o peso da verdade na balança de Maat. É relevante retomar que o coração (sede do pensamento e dos sentimentos) ficava num dos pratos da balança, enquanto a pena no outro como medida da verdade. Em certa medida, a conjectura de Bâ remete a uma longa tradição. De modo mais específico, o estômago da avestruz remete à atividade de saborear os fenômenos sem que isso nos transforme neles. A avestruz digere todas as coisas com uma facilidade extraordinária. A filosofia requer boa digestão, isto é, para que um problema filosófico não se traga pesadelos ou insônia. A ideia de ter um “bom estômago” é uma propriedade griot muito relevante, ainda mais no que diz respeito à filosofia. A avestruz simboliza, ao mesmo tempo, sabedoria e boa digestão. O cosmopaladar pode explicar que uma pessoa de estômago afeito a suscetibilidades não pode assimilar a realidade. É fundamental assimilar, digerir e incorporar a realidade, fazendo ingestão das coisas através dos sentidos e do intelecto, assumindo que o espanto não é motivo para recusar a realidade.

Com efeito, o ensino de filosofia precisa de um coração pensante pronto para bater no mesmo ritmo tanto diante de terremotos como de brisas suaves, uma pele disponível a vestir-se de mundo, um estômago faminto e sem fundo. Para ensinar-aprender filosofia é preciso agir como uma aranha, ter o coração de uma pomba, a pele de um crocodilo e o estômago de uma avestruz.

Conclusões parciais

O filósofo camaronês Achille Mbembe faz uma consideração que vale como uma importante recomendação. Se alguém deseja ensinar-aprender filosofia não pode agir de modo xenófobo, alertando que o maior perigo para o pensamento filosófico é nutrir “o sonho de uma comunidade sem estrangeiros”³⁹. Pelo contrário, ensinar filosofia é um exercício xenófilo. A lição de Ananse era um segredo reservado para griots e griottes que assumissem a função de ensinar filosofia. Como disse Toumani Kouyaté⁴⁰, o nome da sua família tem o sentido de segredo. Cada uma das 10 atividades da condição griot possui um segredo. A filosofia e o seu ensino possuem algo que é dito somente para aqueles que decidem filosofar. Em certa medida, a lição de Ananse é um segredo. A história tem aspectos públicos; mas, a parte formativa é um registro privado.

De acordo com Sotigui Kouyaté⁴¹, existem dois tipos de “griots” e somente na África do oeste, existe o “griot-djeli” e o “griot- gueroua”, djelis formam os guerouas. No ocidente, todos passaram a ser denominados de griots. Foi a partir das histórias do Wilson Nunes (“Seu” Wilson) que o “segredo da filosofia de Ananse” nos foi revelado⁴². Conforme nos disse “Seu” Wilson Nunes, o segredo da filosofia estaria na segunda parte da história de Kwaku Ananse que só era revelada para aqueles que deliberadamente são escolhidos para fazer filosofia. Wilson Nunes disse que depois de ver toda sabedoria espalhada em “mil” (incontáveis) partes do mundo, coube para a primeira filósofa do mundo, visitar e ser visitada para aprender um pouco mais de sabedoria. No entanto, com a certeza de que a tarefa nunca será terminada. Ananse precisa ser hospitaleira para receber gente estrangeira, estar pronta para ser forasteira e pedir abrigo em terras de fora. É nesse percurso que uma pessoa pode ser reconhecida como filósofa. É preciso viajar radicalmente, acolher pensamentos estrangeiros para contar novas histórias e propor

³⁹ Entrevista “Achille Mbembe: as sociedades contemporâneas sonham com o apartheid” In: *Portal Geledés* ver <https://www.geledes.org.br/achille-mbembe-as-sociedades-contemporaneas-sonham-com-o-apartheid/> (acesso em 20/03/2019)

⁴⁰ Programa *Arte do Artista* “Homenagem ao griot Sotigui Kouyaté”, 06 de Maio de 2016
Em <https://www.youtube.com/watch?v=UnyXNggofdE> (acesso em 10/08/2018)

⁴¹ Programa *Arte do Artista* “Homenagem ao griot Sotigui Kouyaté”, 06 de Maio de 2016
Em <https://www.youtube.com/watch?v=UnyXNggofdE> (acesso em 10/08/2018)

⁴² “Seu” Wilson Nunes (1921-1993), avô materno do autor, um autêntico griot-gueroua. O autor recebeu ensinamentos tradicionais griots dele. A circuncisão foi realizada pela avó materna “Dona” Elvira de Mello Nunes (1925-1984), religiosa de matriz africana.

coisas caras à filosofia: saber que não sabe tudo, a necessidade de investigar e ampliar o saber, conhecendo novos mundos. O ensino de filosofia pode dar-se através de exercícios, preparando o coração, a pele e o estômago. Ananse dá uma lição simples, viaje e receba visitas, habite verdadeiramente o lugar onde estiver e permita-se ouvir, sentir odores, sabores, tatear e escutar.